

O fenômeno dêitico e o processo de flexão (pro)nominal na Libras

The deictic phenomenon and the flexing process (pro)nominal in Libras

*Ediane Silva Lima**

*Ronald Taveida da Cruz***

RESUMO: Neste artigo discorremos sobre o uso e a relação dos sinais dêiticos pessoais como responsáveis pelo processo de concordância verbal na Libras. Além de defendermos que, os sinais dêiticos se flexionam do mesmo modo que os sinais nominais, isto é, recebem itens sublexicais distintos para indicar um ou outro sentido, também apontamos que esses sinais, devido ao processo de evolução natural das línguas naturais, evoluem dando origem a novas formas, como o sinal do pronome possessivo NOSSO, já que na Libras encontramos sinais distintos para esse sentido de posse. Desse dado, aliado aos estudos de Meier & Lillo-Martin (2013), e pautados em teóricos como Meier (1990), Ferreira (2010), Thompson et al (2013) dentre outros, indicamos que esses sinais dêiticos vêm se incorporando, ao longo do tempo, aos verbos simples e ganham movimento no espaço neutro, indicados por moduladores espaciais, ou seja, transformam-se em verbos não simples – pois se deslocam espacialmente para concordar com o sujeito e/ou objeto. Esse fenômeno nos possibilitou ‘enxergar’ que o caráter gestual nessa língua, devido o ato de apontar, ganhou novas possibilidades de uso e de sentido, assumindo então várias funções, às vezes concomitantemente,

ABSTRACT: In this article we discuss about the use and the relationship of personal deictic signs as responsible for the verbal agreement process in Brazilian Sign Language. In addition to defending the deictic signals flex the same manner as the nominal signals, i.e. receive sublexical different items to indicate either direction also pointed out that these signs, because the process of natural evolution of natural languages evolve give the new forms, as the sign of OUR possessive pronoun, as in Pounds find distinct signs for this sense of ownership. This data, combined with studies of Meier & Lillo-Martin (2013), and guided by theoretical and Meier (1990), Ferreira (2010), Thompson et al (2013) among others, indicate that these deictic signs come to incorporating the over time, the simple verbs and gain movement in neutral space, indicated by spatial modulators, ie, transformed into not simple verbs - for moving spatially to agree with the subject and / or object. This phenomenon allowed us to 'see' the sign character in that language, because the act of pointing, gained new possibilities of use and meaning, then assuming multiple roles, sometimes

* Docente e pesquisadora na área da Libras, Mestre em Letras-UFPI. limaedianeblues@yahoo.com.br

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina.

como descrito por esses teóricos. Desse modo, concluímos que esses sinais possuem uma capacidade para se comportar do mesmo modo que os sinais lexicais, mas sem perder seu caráter dêítico de apontar, de indicar e de localizar. E que, portanto, são responsáveis pelo processo de concordância verbal seja incorporado aos verbos não simples seja quando acompanham os verbos simples.

PALAVRAS-CHAVE: Sinais dêíticos. Flexão. Libras.

simultaneously, as described by these theorists. Thus, we conclude that these signals have a capacity to behave the same way as lexical signs, but without losing their deictic character point, to indicate and to locate. And, therefore, they are responsible for the verbal agreement process is not incorporated into the simple verbs is when accompanying simple verbs.

KEYWORDS: Deictic signs. Flexing. Libras.

1. Introdução

O presente artigo é um recorte de capítulo de uma pesquisa de mestrado. De forma a discutir sobre o uso e a relação dos sinais dêíticos pessoais como responsáveis pelo processo de concordância verbal na Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Além de defendermos que, os sinais dêíticos se flexionam do mesmo modo que os sinais nominais, isto é, recebem itens sublexicais distintos para indicar um ou outro sentido, também apontamos que esses sinais, devido ao processo de evolução natural das línguas naturais, evoluem dando origem a novas formas, como o sinal do pronome possessivo NOSSO, já que na Libras encontramos sinais distintos para esse sentido de posse. Desse dado, aliado aos estudos de Meier e Lillo-Martin (2013), e pautados em teóricos como Meier (1990), Ferreira (2010), Thompson et al. (2013) dentre outros, indicamos que esses sinais dêíticos vêm se incorporando, ao longo do tempo, aos verbos simples e ganham movimento no espaço neutro, indicados por moduladores espaciais, ou seja, transformam-se em verbos não simples – pois se deslocam espacialmente para concordar com o sujeito e/ou objeto.

Esse fenômeno nos possibilitou ‘enxergar’ que o caráter gestual nessa língua, devido o ato de apontar, ganhou novas possibilidades de uso e de sentido, assumindo então várias funções, às vezes concomitantemente, como descrito por esses teóricos.

O presente artigo apresenta como objetivo central verificar como os sinais dêiticos atuam e se flexionam do mesmo modo que os sinais nominais, bem como os dêiticos pessoais atuam no processo de concordância verbal na Libras. Para melhor explanação dos dados analisados e/ou identificados traçamos a seguinte estrutura: apresentamos os principais pressupostos teóricos que viabilizam as discussões centrais dos dados aqui analisados, seguido da metodologia, resultados e considerações finais.

2. Pressupostos teóricos

Quando tratamos de apresentar a principal distinção entre línguas sinalizadas e línguas faladas, esquecemos que esta tanto se utiliza da modalidade oral-auditiva quanto da modalidade gestual-visual, ao passo que aquela se utiliza apenas dessa última modalidade (BARBERÀ; ZWETS, 2013). No entanto, é importante notar que o caráter gestual das línguas orais não se faz presente da mesma forma que nas línguas de sinais, visto que a apontação gestual evoluiu nessas línguas para assumirem componentes linguísticos e gramaticais (MEIER; LILLO-MARTIN, 2013).

As complexidades de uso e de funções dos sinais dêiticos acabam tornando-se evidentes, devido esses sinais se localizarem em pontos estabelecidos pelo sinalizador no espaço neutro de seus referentes discursivos (presentes ou não no enunciado). Em que um ou dois locais podem ser associados a um único referente ou mesmo um único local pode ser associado a vários referentes ausentes (BARBERÀ; ZWETS, 2013).

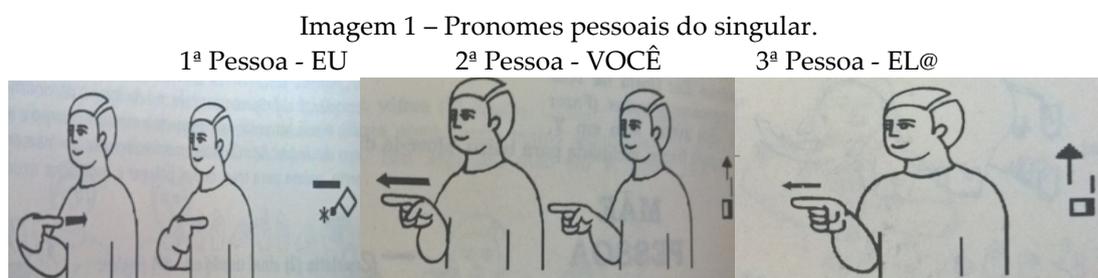
Neste artigo, defendemos que os sinais dêiticos se flexionam do mesmo modo que os sinais nominais, e os dêiticos pessoais são responsáveis pelo processo de concordância verbal na Libras. Nossas discussões permeiam sob duas perspectivas teóricas:

A primeira defende que há três sinais dêiticos pronominais que marcam as três pessoas do singular distintamente (EU – VOCÊ – EL@), no qual a direção do olhar atua como marcador de distinção entre a segunda e a terceira pessoas, conforme propostos

por Berenz (1996). Já a segunda, com base em dados de pesquisa na ASL¹ e em outras línguas de sinais, Meier (1990) e Meier e Lillo-Martin (2013) apresentam evidências de que esses sinais dêíticos pronominais possuem uma única forma (não-primeira pessoa) e, portanto, não se diferenciam lexicalmente. No próximo item discorreremos sobre cada uma dessas perspectivas.

2.1 O fenômeno dêítico e a sua relação com os parâmetros na Libras: algumas discussões teóricas

Em Libras há três sinais distintos para marcar as pessoas do singular:



Fonte: Dicionário Deit-Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2013).

E ao compararmos a 2ª e 3ª pessoas, devemos considerar o uso do olhar como marcador de distinção dessas pessoas, fato que nos chama atenção quando trazemos os dados investigados por Berenz (1996), a respeito dos estudos dos pronomes pessoais na Libras. Essa pesquisadora observou que o sinal para a primeira e a segunda pessoa é feito pelo alinhamento do corpo do sinalizador associado com a cabeça mais a direção do olhar, o peito e a orientação da mão. Sendo que, a segunda pessoa tem o dedo indicador apontado em direção a localização espacial do referente no discurso estendido no mesmo plano da palma da mão. E o pronome de terceira pessoa segue com o dedo indicador estendido de forma perpendicular à palma da mão, conforme as mudanças na posição da cabeça e da direção do olhar levemente para cima em

¹Língua de Sinais Americana.

direção à apontação, quando os referentes não estão presentes, em oposição à forma apresentada com referentes presentes.

Dessas observações destacamos que, esses três sinais aparentemente apresentam uma mesma CM (G1), isto é, uma única forma de pronome pessoal (PRONOUN) atuando como índice referencial, como proposto por Lillo-Martin e Klima (1990).

Esses sinais de apontação não são nomes e, sim, segundo Berenz e Ferreira-Brito (1987), pronomes pessoais que substituem e/ou acompanham os sinais lexicais, através do uso do dedo indicador, apontando no espaço para seus referentes. Assim, são dêiticos por natureza, devido mesmo o seu caráter de apontar, localizar e/ou indicar os referentes espaciais (FERREIRA, 2010).

E no que diz respeito à segunda perspectiva, o uso do olhar não atua como fator de distinção entre os pronomes de segunda e de terceira pessoa, tendo em vista que esse fenômeno vem sendo questionado há algum tempo (MEIER, 1990), e nos últimos anos comprovado em pesquisas com base em testes (THOMPSON, 2006; THOMPSON et al., 2013), em várias línguas de sinais.

De forma que para esses linguistas, os sinais dêiticos pessoais do singular são apenas dois: a primeira pessoa e a não-primeira pessoa. Sendo que tanto há uma forma para singular quanto para o plural dos dêiticos de 1ª pessoa. Já para não-primeira pessoa (TU/EL@), não há uma representação para o plural, porque o referente aponta para o sinalizador, mas não para as demais pessoas (MEIER; LILLO-MARTIN, 2013).

Esses autores apontam como fundamento para as mudanças de marcação desses referentes ao longo do tempo, baseados nas discussões de Frishberg (1975), a respeito das diferenças sutis na marcação da primeira pessoa do plural, sendo inicialmente sinalizada a partir das diferentes direções para marcar não somente a primeira pessoa do singular (EU), como também as demais pessoas (2ª e 3ª), dando origem ao longo do tempo ao sinal NÓS:

Frishberg (1975) traçou uma mudança histórica na forma dos sinais na ASL. Ela descobriu que o sinal NÓS tinha sido anteriormente articulado como em uma série de impulsos, em torno de 5 ou 6 impulsos, primeiro apontando para o próprio peito do sinalizador, e em seguida, representando três ou quatro pessoas (presentes ou ausentes) e voltando novamente para o tronco do sinalizador (MEIER; LILLO-MARTIN, 2013, p. 150) (Tradução Nossa).

Fato que justificaria para esses teóricos, o fato de o pronome dêítico de primeira pessoa do plural ter evoluído da sua forma do singular, o qual se flexionou ganhando novas unidades sublexicais (MEIER; LILLO-MARTIN, 2013). Para esses teóricos os sinais NÓS / NOSSO ficam localizados sempre ao centro do tronco do sinalizador, do mesmo modo que suas formas de origem EU / MEU. Já as formas para 2ª e 3ª pessoa do singular e do plural não há distinção uma das outras.

Acrescentamos a esses dados, o fato de que os sinais dêíticos, antes considerados como simples sinais gestuais, foram evoluindo nessas línguas sinalizadas e assumindo distintas funções, tais como: pronomes dêíticos e anafóricos; pronomes possessivos e reflexivos; pronomes demonstrativos; locativos; indicadores das partes do corpo humano e quando atuam no processo de concordância verbal (MEIER; LILLO-MARTIN, 2013). Ainda segundo esses teóricos, os sinais de apontação na ASL são utilizados para fazer referência ao sinalizador, ao destinatário (interlocutor) e ao não destinatário, por isso nos estudos das Línguas de sinais não se pode ignorar o simples ato de apontar como gestual. Visto que esse ato não é tão simples, pois além de serem utilizados de forma sistemática, assumem essas várias funções, às vezes, simultaneamente.

Desses fatos apontados sob essa perspectiva teórica, temos algumas considerações que serão discutidas no item que segue.

2.2 O processo de flexão pronominal na Libras

É evidente que, aqui no Brasil, até o momento, os pronomes de segunda e de terceira pessoa têm como um dos elementos distintivos a marcação do olhar (BERENZ, 1996). Tendo em vista que, o olhar é tido como um componente não-manual (ENMs), que serve tanto para marcar a distinção entre esses pronomes como também atuam junto a verbos com concordância.

Contudo, independentemente da direção do uso do olhar, destacamos que os parâmetros² são os principais responsáveis em compor o léxico dessa língua. Portanto, defendemos que há, sim, dois sinais para os pronomes de segunda e de terceira pessoas na LIBRAS. Ou seja, há um componente fonológico (M e/ou O/D) que muda e/ou se soma aos demais parâmetros para compor distintamente esses sinais dêiticos na Libras:

- O pronome de primeira pessoa **EU** - CM (G1) + PA (Tronco do sinalizador) + O/D (palma da mão voltada para o corpo do sinalizador) + M (parte do centro do espaço neutro em direção ao tronco do sinalizador).

- E para a composição do sinal do pronome de segunda pessoa **VOCÊ**, temos a CM (G1) + PA (espaço neutro) + O/D (palma da mão voltada para a esquerda³ ou para frente do corpo do sinalizador) + M (parte do tronco do sinalizador para o centro do espaço neutro⁴).

- E a terceira pessoa **EL@** é formada pela mesma CM (G1) + PA (espaço neutro) + O/D (palma da mão voltada para frente ou à esquerda ou à direita do corpo do sinalizador) e pela mudança do M (parte do centro do espaço neutro, seguindo em frente/ ou à direita /ou à esquerda nesse espaço⁵).

² Os parâmetros são unidades sublexicais sem sentido, que auxiliam no processo de formação dos sinais, são eles: Configuração de Mãos – CM; Ponto de Articulação - PA; Movimento – M; Orientação e Direção da palma da mão – O/D e as Expressões Não-Manuais – ENMs.

³ Ou a palma da mão poderá ficar à direita, caso o sinalizador seja canhoto.

⁴ Dentro do espaço de sinalização, podemos medir esse deslocamento do sinal que vai do tronco do sinalizador até ao centro do espaço neutro em ângulo de 90°.

⁵ Aqui o deslocamento do dedo indicador partindo do centro do espaço neutro para a possível localização do referente de terceira pessoa, segue em ângulo de 60°.

Chamamos atenção para o fato de que essas duas pessoas (2ª e 3ª) não se confundem em sentenças proferidas em Libras. Além do mais, acreditamos que se houvesse apenas uma forma para representá-las teríamos grandes dificuldades em reconhecer entre uma e outra, quando sinalizadas em contexto de uso. Até mesmo se assim o fosse, o contexto seria suficiente para indicar quando fosse um sentido ou outro? Ainda mais quando consideramos que a ambiguidade não se faz presente em sentenças com esses sinais, e quanto a isso não se pode questionar⁶.

Desse fato temos que, tanto Meier (1990) como Thompson (2006) e Thompson et al. (2013) não explicam como se daria a distinção entre essas duas pessoas dentro do discurso, tendo em vista que consideram que esses sinais têm a mesma forma, mas não o mesmo sentido.

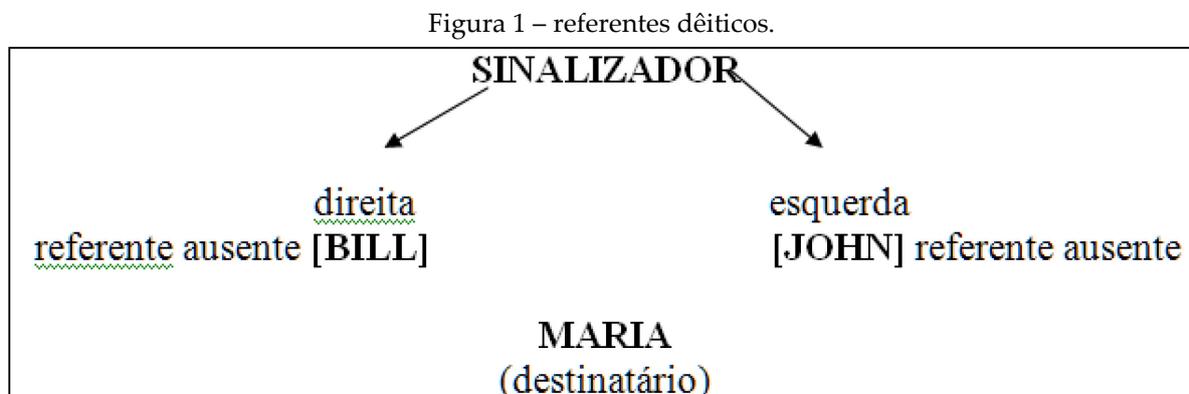
Já Meier e Lillo-Martin (2013) apontam que as distinções entre esquerda e direita, que determinam os locais de referentes ausentes, são cruciais para a produção e a interpretação desses referentes. Todavia, destacam que esses locais não são suficientes para distinguir entre um sinal e outro, porque além de não serem pontos fixos não podem ser listados em unidades fonológicas sublexicais (RATHMANN; MATHUR, 2002 apud MEIER; LILLO-MARTIN, 2013). Do mesmo modo, para esses linguistas, os sinais de apontação também não se distinguem articulatoriamente, como ocorrem com os sinais lexicais. Esse problema é relacionado, ainda, com o fato de que tanto os referentes ausentes como os destinatários não são possíveis de estabelecer uma dualidade de padronização.

Discordamos veemente dessas considerações apontada por esses autores, pelos seguintes fatores:

O primeiro é que, como eles mesmos defendem, em uma conversa sinalizada os participantes ausentes (terceira pessoa) não ocupam locais fixos no espaço de

⁶ Nos estudos das LS, especificamente no Brasil (QUADROS, 1995/1999), é apresentado que os referentes dêiticos espaciais diminuem a possibilidade de ambiguidade em sentenças, devido mesmo a marcação desses referentes se darem no espaço de sinalização.

sinalização em frente ao sinalizador. Para maiores esclarecimentos, examinemos o seguinte exemplo:



Desse exemplo partimos para o segundo fator.

Notem como é complexo imaginar uma conversa desse tipo, quando detectamos que a noção direita-esquerda não é a mesma para os participantes presentes (sinalizador / destinatário). Visto que é possível pressupor que Maria também possa assumir o papel de sinalizador nessa conversa.

É nítido quando esses teóricos defendem que o contraste entre um ponto e outro é muito significativo, pois é através da apontação direcionada a esses locais que podemos identificar claramente os respectivos referentes. No entanto, esclarecemos que isso só será possível, nesse contexto aqui descrito, se os respectivos referentes forem nomeados, caso contrário, teríamos ambiguidade se simplesmente apontássemos para esses pontos localizados em frente ao sinalizador, apesar de haver a distinção esquerda/direita, mesmo assim isso não seria suficiente para saber qual referente caberia a John e a Bill⁷.

Acrescentamos a essas considerações que, todo e qualquer sinal (dêitico, nominal e verbal) possui um PA, podendo ser articulado no espaço neutro, que é um tipo

⁷ Esclarecemos, ainda, que caso o sinalizador e o seu interlocutor compartilhem da mesma experiência o sinal dêitico de apontação será suficiente, sem necessidade de nomeação.

particular de PA, e/ou em alguma parte do corpo do sinalizador (cabeça, tronco, antebraços, braços e mãos). Desse modo, defendemos que não é o local estabelecido para indicar o referente ausente que definirá o sentido desse sinal, pois a direcionalidade do sinal (dêitico ou nominal) parte sempre do sinalizador, até mesmo porque o sinalizador pode mudar a posição desses referentes, isto é, deslocá-los dentro desse espaço, e até mesmo serem retirados. O sinalizador poderá, ainda, assumir o papel desses referentes, como em uma interpretação de papéis, nesse caso, o sinalizador tanto poderá assumir a função de primeira, ou de segunda e/ou de terceira pessoa (QUADROS, 1995) e os sinais dêiticos pessoais poderão ser utilizados ou não nesse processo.

3. Metodologia

Os resultados aqui apresentados são um recorte de dados coletados em uma pesquisa de mestrado. Assim, a metodologia utilizada foi a de uma pesquisa descritiva aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa – UFPI, a partir do cadastro na Plataforma Brasil, cujo objetivo da pesquisa é verificar o comportamento dos verbos não simples e a sua marcação de pessoa. Desse modo, os dados aqui discutidos partiram de duas perspectivas, sendo a primeira uma revisão da bibliografia estudada para pesquisa aliada, como segunda perspectiva, aos dados coletados em filmagens feitas em uma associação de surdos, no município de Teresina-Piauí.

Fizemos um recorte dos dados e considerações identificadas durante essa fase e traçamos um paralelo com as principais pesquisas sobre a temática e elaboramos, a partir de um dos capítulos da dissertação, o presente artigo.

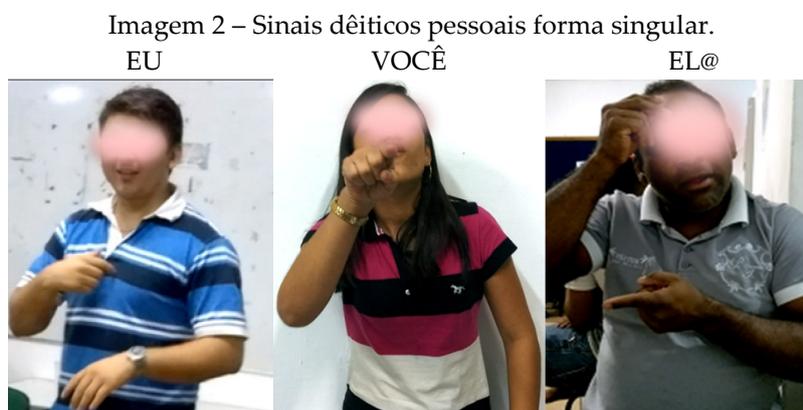
Assim, empregamos entrevistas e testes com os participantes para que coletássemos e expuséssemos dados de nosso *corpus* de pesquisa que eram os verbos simples e não simples e como os surdos investigados marcavam os referentes pessoais ao se utilizarem desses verbos. Ainda se tratando do *corpus* analisado, a pesquisa foi dividida em duas fases: filmagem das conversas paralelas dos surdos fluentes adultos associados, essa fase durou 6 meses, sendo que os encontros na associação eram

sempre aos sábados. Já a segunda fase, denominada fase de testes, foram aplicadas perguntas e solicitadas produção de frases em Libras a partir do uso de imagens, de forma que os surdos pudessem explorar os sinais dos verbos simples, não simples, bem como os referente dêiticos.

Contudo, devido mesmo o limite de laudas especificado para este artigo, selecionamos apenas principais discussões a esse respeito dos dados identificados durante a pesquisa e apresentamos no último item desse artigo.

4. Resultados

Destacamos que um sinal dêitico pessoal, assim como os demais sinais, é produzido pela mão do sinalizador, que aponta em uma direção (para seu próprio peito, à sua frente, à sua esquerda e/ou sua à direita); a CM é a mesma, contudo quando verificamos os itens sublexicais (PA, M e O/D) é evidente que não temos a mesma composição entre esses sinais, como apresentamos anteriormente. Os seguintes exemplos identificados em nossa pesquisa⁸, também apontam para essa realidade:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos⁹.

⁸ Esse artigo faz parte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado, no qual foram feitas filmagens e aplicados testes em uma associação de surdos, no município de Teresina, mediante autorização no comitê de ética e pesquisa –CEP, da UFPI.

⁹ Sujeitos surdos participantes da pesquisa e autorizados pelo comitê de ética, mediante autorização do Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE.

Os dados coletados em campo possibilitaram a compreensão de que esses sinais são articulados de distintas formas, não sendo possível dizer se esta ou aquela é a mais correta, porque é o sinalizador que particulariza as possibilidades de uso de sua língua, por meio da entonação, da intenção, ou seja, tudo isso está em jogo nos atos de fala. Contudo, a marcação entre um sinal e outro é estabelecida sob o ponto de vista de quem sinaliza, pois parte da mão do sinalizador que marca/aponta um dado referente, ancorado em seu corpo (EU) ou no espaço neutro (VOCÊ / EL@), sendo que a O/D mais o uso do olhar fundamental para distinção entre pronomes dêiticos de 2ª e de 3ª pessoa.

Não podemos esquecer que os primeiros estudos apresentados por William Stokoe, em meados dos anos 1960, se tratavam dos parâmetros, o que veio comprovar os aspectos linguísticos e gramaticais dessas línguas (SACKS, 2010). Desse fato, destacamos que todo e qualquer elemento na composição de um sinal é importante, logo o sinalizador também faz parte desse ato linguístico, pois ele é o centro do espaço de sinalização¹⁰.

Assim, enquanto o pronome EU tem no tórax do sinalizador seu PA, possibilitado pelo M, que parte do centro do espaço neutro, os de segunda e de terceira pessoas se dão em uma direção oposta, de modo que a O/D e o M os distinguem particularmente. Dessa forma, os parâmetros são os responsáveis por formar e compor os sinais lexicais das línguas sinalizadas, e que o processo de formação e composição desses sinais se dá pelo acréscimo e/ou mudanças desses afixos para distinguir entre um sinal e outro.

E no caso dos dêiticos pessoais, eles diferem um do outro não somente porque são sinais pronominais, mas devido ao processo de evolução que, partem do gestual para o linguístico, do qual esses sinais derivam de um mesmo radical, CM (G1).

¹⁰Isso nos parece bastante evidente, por dois motivos: o primeiro é que, de fato, o sinalizador faz parte dos elementos que compõem graficamente o espaço neutro; já o segundo motivo, diz respeito ao quinto parâmetro não-manual (ENMs) e aos demais manuais (PA, M, O/D e CM), ora se o sinal é manual e não-manual a representação dessa língua é tanto facial, quanto manual e visual.

Ainda sobre exemplo apresentado por Meier & Lillo-Martin (2013), acrescentamos o mesmo ponto de vista em Meier (1990), no qual discutem o caso de que a primeira pessoa do singular sofre variação e, por isso, dá origem a outros sentidos, em que os afixos (M e O/D) auxiliam nesse processo para compor a forma plural.

Imagem 3 – Pronome de primeira pessoa do plural – NÓS.



Fonte: Dicionário Deit-Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2013).

Ao observarmos os elementos que compõem esse sinal, temos a CM (G1) + O/D (palma da mão voltada para trás do sinalizador e à sua direita) + M (semicircular, parte do tronco do sinalizador à direita, seguindo para o espaço de sinalização e retorna ao tronco, mais à esquerda do ombro do sinalizador) + P.A (o tronco do sinalizador + espaço de sinalização). Esse sinal se dá pela composição dos sinais dêiticos pessoais EU + EL@S, no qual os parâmetros (O/D, o M e o P.A), de ambos os sinais, são incorporados, aglutinando-se, em uma única forma, do mesmo modo que no processo de composição por aglutinação das palavras/nomes/sinais.

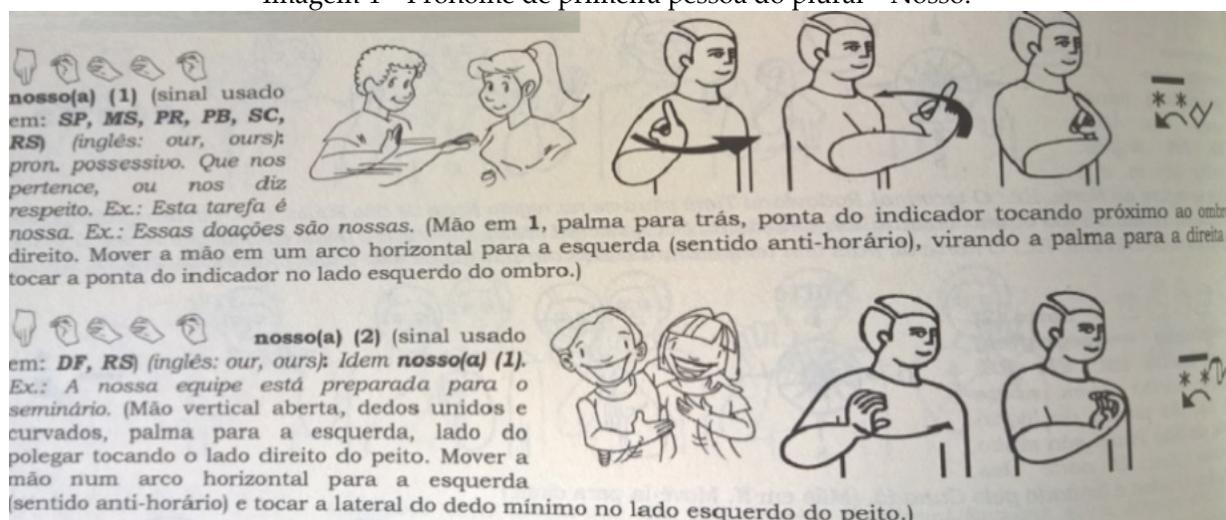
Desse fato, evidenciamos que a Libras por ser uma língua flexional, tende a recorrer ao processo de flexão para compor seu léxico. Embora, também possua características de língua aglutinante, no qual vários morfemas se unem a uma raiz e são facilmente nela identificáveis (FELIPE, 2006). E esse parece ser o caso dos dêiticos pronominais pessoais dessa língua.

De forma que os parâmetros compõem as unidades lexicais dos sinais em Libras, que além de traçar a distinção entre um sinal e outro, também, quando se une

a outro parâmetro constroem novos sinais, dando-lhes possibilidades diversas de sentidos (FARIA-NASCIMENTO, 2013). Por isso, detectamos ser esse o processo de formação e composição dos sinais dêiticos pessoais, como podemos observar em nossas discussões.

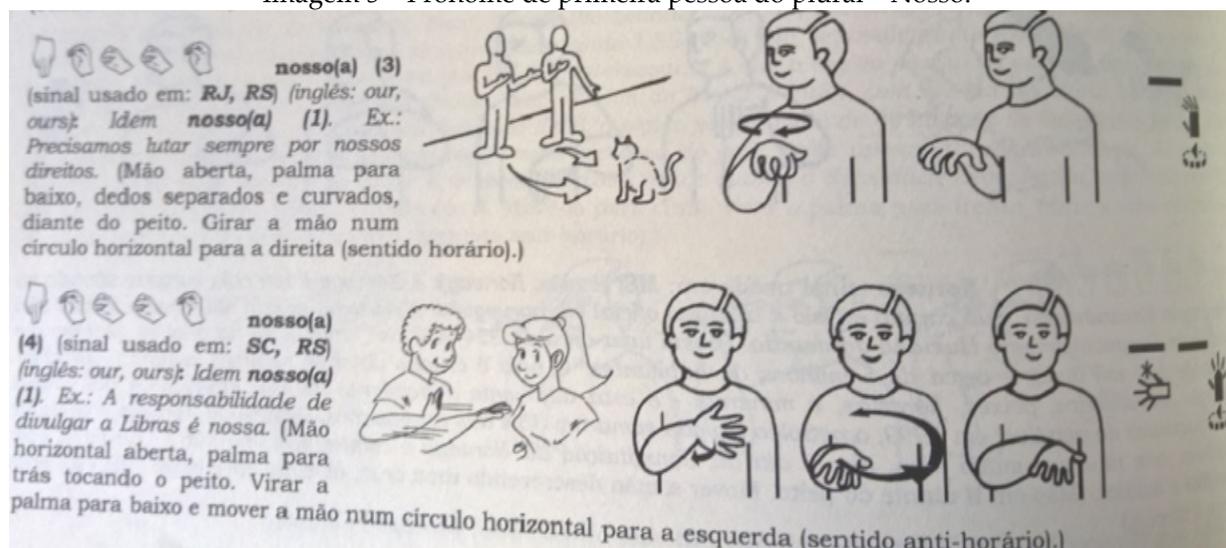
Do sinal NÓS há possibilidade para NOSSO, de forma que cada comunidade surda brasileira dar sentido por meio de outras distintas formas. Assim, esses sinais vão variando, e conforme evoluem passam a outras formas, como Meier & Lillo-Martin (2013):

Imagem 4 – Pronome de primeira pessoa do plural – Nosso.



Fonte: Dicionário Deit-Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2013).

Imagem 5 – Pronome de primeira pessoa do plural – Nosso.



Fonte: Dicionário Deit-Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2013).

Apesar de a CM (G1) ser recorrente na grande maioria dos sinais dêiticos da Libras, verificamos que essa forma, devido mesmo a evolução do léxico nessa língua, ganha outras formas, variando entre um ou outro parâmetro.

Ainda, segundo esses teóricos, é apresentado que os sinais dêiticos pessoais passaram por um processo de evolução e foram incorporados aos verbos simples¹¹. Esses autores apresentam dados de pesquisas feitas com três gerações de sinalizadores da Língua de Sinais da Nicarágua e com sinalizadores da Língua de Sinais Israelense. Essas pesquisas mostraram que esses sinalizadores passaram a utilizar os dêiticos pessoais incorporados aos verbos, ao longo das gerações, e que a geração mais nova passou a se utilizar mais de moduladores espaciais, de forma que os verbos incorporaram esses referentes e foram ganhando movimento, o que possibilitou que os mesmo se direcionassem para marcar tanto o sujeito como o objeto espacialmente.

Ademais, quando trazemos essa perspectiva para os estudos dos verbos da Libras, isso vem ampliar a nossa noção de concordância verbal, ainda mais quando trazemos para nossas discussões o fato de que a concordância verbal:

é o fenômeno sintático pelo qual um substantivo ou um pronome pode exercer pressão de alteração formal sobre os pronomes que o representam, os verbos de que ele é sujeito, e os adjetivos ou participios que a ele se referem. [...] Aliás, nem todas as línguas realizam as concordâncias da mesma maneira. Algumas, como o banto, repetem em todas as palavras da frase certas marcas do sujeito, conferindo assim ao enunciado uma grande unidade formal. Outras, como o inglês, reduzem a um mínimo a concordância (o artigo e o adjetivo são invariáveis). Em francês ou português, o adjetivo e o artigo recebem as marcas do substantivo ao qual se referem. O verbo vai para a pessoa e o número do seu sujeito. Essa variação lembra assim que a pessoa ou a coisa de que se fala é “singular” ou “plural”, o que permite eliminar esta ou aquela ambiguidade [...] Em Francês, apresenta-se um caso particular de concordância quando se trata do participio passado [...] (DUBOIS et al., 2006, p. 136).

¹¹ Dentro da nomenclatura da área, esses verbos ficam ancorados ao corpo do sinalizador e, por isso, não sofrem o processo de concordância verbal (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Por isso, evidenciamos que os verbos simples na Libras, tidos como verbos que não sofrem concordância, são, na verdade, verbos que seguem uma certa regularidade ao serem conjugados, esses verbos não recebem desinências número-pessoais e nem temporais, como os verbos do inglês. Vejamos no quadro 1, como o 'comportamento' dos verbos no inglês e na Libras são iguais.

Quadro 1 – Conjugação verbal tempo FUTURO.

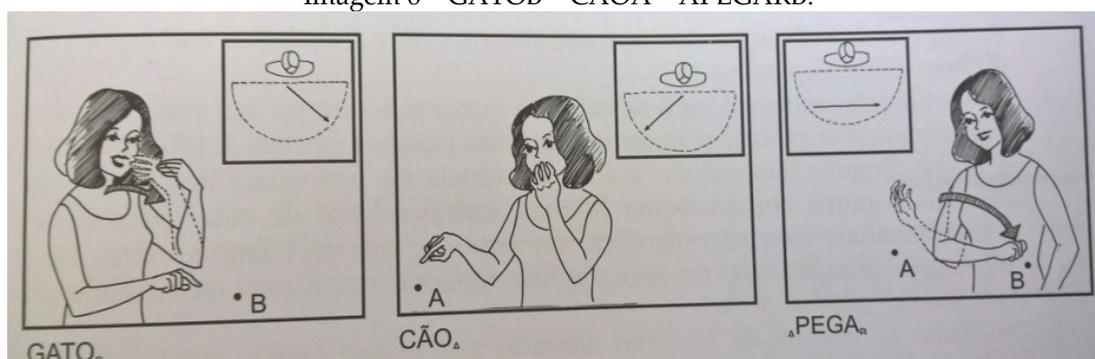
INGLÊS	LIBRAS
To Study	ESTUDAR
Future	Futuro
I will study	(EU) FUTURO ESTUDAR
You will study	(VOCÊ) FUTURO ESTUDAR
He, She, It will study	(EL@) FUTURO ESTUDAR
We will study	(NÓS) FUTURO ESTUDAR
You will study	(VOCÊS) FUTURO ESTUDAR
They will study	(EL@) FUTURO ESTUDAR

Fonte: elaborado pelos autores.

É evidente que quando buscamos uma explicação, isso se justifica pelo fato de a interferência da ASL se fazer muito presente na comunidade surda brasileira, especialmente quando relacionada a estudos e pesquisas, tendo em vista que a maioria das pesquisas relacionadas às línguas de sinais partem de pesquisadores norte-americanos.

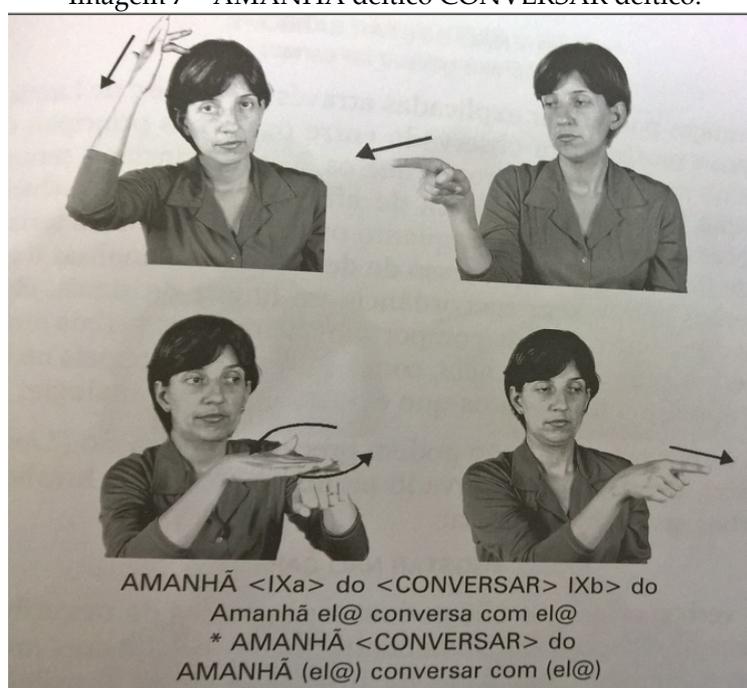
Para entendemos melhor como se dá essa conjugação verbal, observemos (Imagem 6) como as pessoas são marcadas/indicadas/localizadas no espaço de sinalização, em frente ao corpo do sinalizador, através dos referentes espaciais (e/ou sinais nominais), representados pelo fenômeno dêitico que auxilia no processo de concordância verbal. E, se observamos mais detalhadamente, esse é o mesmo processo que ocorre com os verbos não simples, o que muda é a articulação do sinal, porque com esses verbos os marcadores estão incorporados na ação verbal.

Imagem 6 – GATOB CÃOA APEGARB.



Fonte: Quadros, 1997.

Imagem 7 – AMANHÃ dêitico CONVERSAR dêitico.



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

Na imagem 6, o verbo **PEGAR** é um verbo não simples, observemos como, antes da sua articulação, o sinalizador precisa apontar e indicar os referentes nomeando-os e, ao mesmo tempo, fazendo uso do sinal dêitico (EL@), e só depois é que é sinalizado o verbo. É verdade que, nesse caso, os referentes estão ausentes, mas destacamos, ainda, o seguinte exemplo:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Aqui, o verbo não simples foi articulado marcando os referentes espacialmente, mas independentemente disso, o seu sinal apresentou um ponto inicial e um ponto final, marcando os dêíticos incorporados a ele. Também, notemos como o sinalizador utilizou o sinal do verbo (AVISAR), partindo de um ponto inicial, isto é, de seu tronco, assumindo o papel do governo, para em seguida deslocar ambas mãos para a frente (espaço neutro), marcando o referente (SURD@). De forma a construir a seguinte sentença: O governou avisou aos surdos.

Já na imagem 7, verificamos também a necessidade de o verbo ser identificado, conforme seus referentes, e como bem ressaltamos, para que essa sentença não se torne ambígua, é necessário, do mesmo modo que ocorre com os verbos não simples, apontar e indicar esses referentes, que aqui se apresentam explicitamente. Além disso, não podemos esquecer que, apesar de o verbo não se deslocar em direção ao sujeito e/ou a seu objeto, há uma marcação desses pontos no espaço, só que possibilitada pelos sinais dêíticos. E não é esse o caso dos verbos normais no inglês?

Ainda mais quando consideramos que:

a concordância é um fenômeno morfossintático que não se restringe à sua marcação realizada abertamente por meio de uma trajetória [...] pode haver formas neutras da concordância sem a sua marcação realizada por meio da trajetória ou pela orientação da mão (QUADROS; QUER, 2010, p. 45).

Por isso, defendemos que são os sinais dêiticos pessoais que auxiliam nesse processo de concordância verbal, sendo que, com os verbos não simples, eles se apresentam incorporados a esse verbo, que se desloca no espaço de sinalização. E no caso dos verbos simples, por ser mesmo a sua articulação ancorada ao corpo do sinalizador, esses referentes se apresentam separados dele. Destacamos, ainda, outras possibilidades dessa relação de concordância espacial: como a incorporação de número a esses sinais dêiticos que compõem o plural; o uso do olhar etc.

De todo modo, ressaltamos que não descartamos a possibilidade de, como apresentado nos resultados de pesquisas de Meier e Lillo-Martin (2013), esses verbos possam evoluir para as formas verbais direcionais, justamente pelo fato de os dêiticos terem assumido a capacidade de se flexionar do mesmo modo que os sinais nominais e por isso veem evoluindo, tomando novas formas, incorporando-se a outras. Enfim, criando possibilidades de novos sentidos e usos nessa língua.

5. Considerações finais

Ao estudarmos os sinais dêiticos e a sua relação com os verbos, ‘enxergarmos’ o funcionamento da Libras: revendo a noção de concordância verbal, relacionada até o momento apenas com os verbos não simples, no qual destacamos o “status” linguístico dos sinais dêiticos e evidenciamos o processo de flexão desses sinais juntos ou incorporados aos verbos simples e não simples da Libras.

O fenômeno dêitico nos direcionou para a sua compreensão e atuação dentro do processo de concordância e conjugação verbal na Libras. E, ao mesmo tempo, na sua atuação em diferentes funções nas línguas de sinais, do mesmo modo que ocorre nas línguas orais.

Diante do fato de os verbos simples também fazerem uso dos pelos sinais dêiticos pessoais, auxiliando-os no processo de concordância verbal, tal como esclarecemos em nossas discussões, seja através da apontação nominal e/ou dos referentes dêiticos (explícitos, omissos e incorporados) ou, ainda, da direção do olhar,

isso significa que, mais do que o ato de apontar em si, esse é um recurso linguístico que tanto auxilia nesse processo, como também assume outras funções e usos na Libras. Assim, quando defendemos que, às vezes, esses sinais dêiticos parecem assumir mais de uma função, ao mesmo tempo, em uma dada sentença, entendemos que esses sinais referenciais acabaram por se tornar demasiadamente complexos no processo de estruturação das línguas sinalizadas e que, tal como ocorre nas línguas orais, assumem as mesmas funções, como apresentamos em nossas discussões.

Referências Bibliográficas

BARBERÀ, G.; ZWETS, M. Pointing and reference in sign language. **Sign Language Studies**, Volume 13, Number 4, Summer 2013, pp. 491-515. <https://doi.org/10.1353/sls.2013.0016>

BERENZ, N. F. **Person and deixis in Brazilian sign language**. 1996. Dissertation (PhD). University of California, Berkeley, 1996.

BERENZ, N.; FERREIRA -BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. IN: SLR '87: papers from **The Fourth International Symposium on Sign Language Research**, eds. W.H. Edmondson & Karlsson. 1987, Vol 10, p. 26-36.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira**. Vol. 1: sinais de A a H. São Paulo: Inep – CNPq CAPES, Edusp, 2013.

_____. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira**. Vol. 2: sinais de I a Z. São Paulo: Inep – CNPq CAPES, Edusp, 2013.

DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de linguística**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de. A organização dos morfemas livres e presos em LIBRAS: reflexões preliminares. IN: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (Orgs.) **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis, Insular, 2013.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavras na LIBRAS**. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas-SP: 2006. v. 7, n. 2, p. 200-217. Disponível em: <http://www.surdo.org.br/estudos/ETD-2008-93.pdf>. Acesso em: 11 set. 2014.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. São Paulo: Cultrix, 2010.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Eds.), **Theoretical Issues in Sign Language Research**, 1990, vol. 1. University of Chicago Press, Chicago, IL, pp. 121--210.

MEIER, R. P.; LILLO-MARTIN, D. The Points Of Language. **Humana.Mente Journal of Philosophical Studies**, 2013, Vol. 24, 151--176. Disponível em: http://www.humanamente.eu/PDF/Issue24_Complete.pdf. Acessado em: 12 out. 2015.

MEIER, R. P. Person deixis in American Sign Language. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Eds.), **Theoretical Issues in Sign Language Research**. 1990, University of Chicago Press, Chicago, IL, pp. 175--190.

QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais**: uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição. 1995. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

QUADROS, R. M. de; QUER, J. A caracterização das concordâncias nas línguas de sinais. In: LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R. R. (Orgs). **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. ed. 1ª. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010. p. 33-58.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P.; QUADROS, R.M. (Orgs.). **Língua Brasileira de Sinais V**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina / Material do Curso de Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, 2009.

SACKS, O. **Vendo vozes** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMPSON, R. L. et al. **The eyes don't point**: understanding language universals through person marking in American Signed Language. Elsevier, 2013. Disponível em: www.sciencedirect.com. Acessado em: 20 set. 2015

_____. **Eye gaze in American Sign Language**: linguistic functions for verbs and pronoun. 2006. Dissertation (PhD). UC San Diego Electronic Theses and Dissertations. UC San Diego, 2006. Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/12r3h13m>. Acessado em: 15 set. 2015.

Artigo recebido em: 02.11.2017

Artigo aprovado em: 18.05.2018